

## LEMBRANÇA DE JAIME AFREIXO

O Dr. Jaime do Rego Afreixo foi meu amigo desde que, no começo dos anos 30, abriu banca em Lisboa no escritório de seu tio, o grande advogado Dr. Orlando de Mello do Rego. Digo que Jaime Afreixo foi meu amigo antes de dizer que fui também amigo dele, porque a amizade de Jaime Afreixo era incomparável, e por mais que se quisesse ser-se seu amigo como ele era nosso, nunca se poderia atingir a perfeição da sua amizade.

A verdade é que fui profundamente amigo de Jaime Afreixo; e durante o quase meio-século do nosso convívio nunca um mal-entendido, um amúo, uma divergência nos separaram. Muitas vezes nos opusemos, sobretudo no Conselho Geral da Ordem, de que ambos fizemos parte durante vinte anos. Mas não só cada um de nós respeitava no outro o seu diferente ponto de vista, como — e tenho prazer em dizê-lo — foram mais as vezes em que ele me convenceu do que aquelas em que o convenci a ele.

De resto, uma das grandes qualidades de Jaime Afreixo era, justamente, a de se bater pelas suas opiniões — que, quase sempre, eram mais sensatas, mais ponderadas e mais argutas do que as dos seus opositores. Recordo-me de, no Conselho da Ordem, ter acontecido a votação ir correndo a apontar para a unanimidade até que, ao chegar a sua altura de se pronunciar, Jaime Afreixo defendeu opinião contrária à que vinha sendo manifestada; e tão inteligentemente apreciou o caso em discussão, de tal modo o clarificou que todos reconhecemos tê-lo apreciado mal — e, rectificando os nossos pontos de vista, votamos com ele.

Como advogado, era um adversário temível. Trabalhava os processos com profundidade e minúcia, a ponto de, no julgamento, parecer que os sabia de cor. Se o problema era técnico, estudava-o no plano científico até o dominar; a ponto de, numa questão em que depuseram peritos médicos, um deles lhe ter perguntado se era também formado em Medicina!

Na barra era combativo e eficaz, sempre aguerridamente ao ataque sem por isso deixar — como é regra da boa tática militar — de cobrir a retaguarda. Por sobre tudo isto, tão elegante, na luta, como um esgrimista no assalto, tão bem-educado como um frequentador dos salões de antanho.

Nascido em 1906, ficou-lhe alguma coisa dos hábitos e dos gostos do começo do século (melhor diria: dos fins do século passado): o amor pelas coisas belas e pela qualidade dos objectos; o culto pela boa cozinha e pelos bons vinhos; o cumprimento rigoroso das velhas regras de civilidade e etiqueta, que embelezam a convivência.

Orgulhoso e brioso, a tudo o que metia ombros dava o máximo de esforço para que o resultado fosse o melhor. Depois, revia-se no sucesso, contava pormenores. Vaidoso? Não. Vaidoso é quem se vangloria sem razão, quem coloca em plano de importante um acto sem importância, ou quem, não tendo descoberto o Brasil, se vangloria de ter sido um seu compatriota que em tempos o descobriu (assim justificando não descobrir, agora, mais coisa nenhuma). Jaime Afreixo não era vaidoso. Brioso, sim, que é uma forma de ser orgulhoso. Isso o levava a não desleixar nenhuma zona de empreendimento em que se metesse, de se dedicar com igual força e igual calor aos processos que lhe davam dinheiro a ganhar e aos que só lhe davam despesas. (É de justiça lembrar a sua dedicação à Liga dos Amigos dos Hospitais, que dirigiu durante dezenas de anos, com a qual inteiramente se identificou e onde realizou uma obra de grande mérito).

Corajoso, de uma coragem discreta mas firme, Jaime Afreixo, se era incapaz de promover uma desordem, era capazíssimo de se bater em duelo (talvez com um prazer novecentista...) e de ripostar com vibração, fisicamente ou não, a ofensa

que lhe fosse feita. São conhecidos actos seus de grande coragem moral (os nossos companheiros do Conselho Geral da Ordem durante o bastonato do Dr. Pedro Pitta podem testemunhar alguns); e se actos seus de coragem física ficaram menos conhecidos, de alguns restam lembrança, especialmente enquanto estudante e na greve de 1929/1930, no período em que era Presidente da Associação Académica de Coimbra.

Esta nota não pode dar, a quem a ler e não tenha conhecido o Dr. Jaime Afreixo, a ideia do homem que ele foi. Pelas suas altíssimas qualidades de carácter e de inteligência, pela sua inultrapassável dedicação aos amigos, pela sua capacidade de luta — era «alguém». A sua morte priva-nos a todos de um valor e priva os seus amigos de um amigo exemplar.

F. DE ABRANCHES-FERRÃO